

# COMMUNICATIO EXTRA SCRIPTURAE É POSSÍVEL DEUS FALAR HOJE FORA DAS ESCRITURAS?

Por prof. Rev. Moisés C. Bezerril

*“O Senhor me falou!”*

*“Deus fala ainda hoje aos seus filhos fora das Escrituras Sagradas!”*

**Quais as implicações teológicas imediatas destas afirmações?**

(1)

## A NATUREZA NÃO CONFSSIONAL DA REVELAÇÃO MODERNA

**1. Tal afirmação (“O Senhor me falou”) é caracteristicamente proveniente da tradição teológica não reformada.**

A Confissão de Fé de Westminster considera que Deus não fala mais aos homens por meio profético-revelacional, e sim, iluminatório e escriturístico. O seu texto afirma esta teologia nas seguintes palavras:

”Todo conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para glória dele e *para a salvação*, fé e *vida do homem*, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por *novas revelações do Espírito*, nem por tradições dos homens; reconhecemos entretanto, ser necessária *a íntima iluminação do Espírito de Deus* para a salvadora compreensão *das coisas reveladas na Palavra*, e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comuns às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras gerais da Palavra, que sempre devem ser observadas.” (Conf. De Fé de Westminster, cap 1 seção VI) (*itálicos meus*)

Nenhum dos reformadores deu ênfase a este tipo de comunicação extra Escritura. Para os reformadores, toda e qualquer inovação diferente da comunicação de Deus através das Escrituras nada mais era do que um sinal de heresia e artimanha satânica. Os fenômenos de “ouvir a voz de Deus” e “falar com Jesus”, depois da era apostólica, foram tratados como manifestações bizarras que sempre culminavam em movimentos bizarros e em doutrinas heréticas. O mesmo acontece nos dias atuais. Todas as pessoas que começam “ouvindo a voz de Deus” terminam dando origem à heresias as mais estranhas e absurdas possíveis, levando em conta ainda que todas elas desenvolvem uma anomalia ministerial que acabam por dividir igrejas e tornam-se em movimentos messiânicos, onde são os “enviados especiais de Deus”, ou “os porta-vozes” de Deus. Não demora muito e logo

estarão profetizando o fim do mundo. A história da igreja tem mostrado esse caminho tomado pelos Adventistas do Sétimo Dia, pelos Mórmons, e por vários movimentos “evangélicos” que começaram ouvindo “a voz de Deus”. O caso mais recente deste fenômeno está acontecendo nos Estados Unidos com a sociedade Vineyard, de John Wimber. Este movimento tem profetas e revelações “fresquinhas” todos os dias. Não é de admirar que um dos membros desta sociedade, chamado Jack Deere, um dos que ouvem a voz de Deus, tem sido condenado pela comunidade teológica americana por chamar de satânica a doutrina da suficiência das Escrituras.

Louis Berkhof, em sua Teologia Sistemática representa bem o pensamento reformado quando diz:

“Todo conhecimento obtido por quem recebe a graça divina é produzido nele por meio da Palavra e da Palavra derivado. Esta posição deve ser sustentada em oposição a todas as classes de místicos, que alegam revelações especiais e um conhecimento espiritual não mediado pela Palavra, e que, com isso, nos levam a um oceano de ilimitado subjetivismo.”<sup>1</sup>

## **2. Tal afirmação é contrária à orientação e recomendação doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil.**

No texto das Cartas Pastorais, pág.22, Edição Set. 1995, a comissão permanente de doutrina da IPB redigiu o seguinte:

“Todo ensino sobre as línguas e profecias que entende a prática moderna como uma experiência revelatória, isto é, uma experiência na qual nova revelação é recebida, é *contrário* ao *caráter final da revelação bíblica e à autoridade das Escrituras* como única regra de fé e *prática*.” (itálicos meus)

A Igreja Presbiteriana do Brasil entende, com este texto, que uma idéia moderna de *revelação* consiste numa ameaça à autoridade das Escrituras e ao seu caráter final da revelação.

O que a comissão de doutrina entende perfeitamente é aquilo que todo crente deveria entender: que a revelação de Deus sempre implica em canonicidade, e, portanto, sempre prejudicará o caráter de revelação última das Escrituras em qualquer sentido. Deus dirige Seu povo não mais por palavras reveladas, mas pela Palavra iluminada. A palavra revelada sempre será canônica, e sempre reivindicará inspiração, infalibilidade, e autoridade. O primeiro dano que as Escrituras sofrem com a presença de uma palavra revelada é a perda de sua suficiência. Ora, se as Escrituras fossem suficientes, por que deveria Deus continuar falando por revelação nos dias de hoje? Se Deus ainda fala hoje, isso significa que *somente as Escrituras* não bastam para preparar o crente para a maturidade nem para toda boa obra, (II Tm 3:16). Neste erro caíram os Mórmons, pois compreenderam perfeitamente que a palavra revelada implica em canonicidade. Por isso eles possuem mais dois livros considerados sagrados que completam a Bíblia.

Deveríamos chegar a uma compreensão lógica que, se admitirmos a palavra revelada hoje, teremos que perder de vista a idéia de um cânon, e, conseqüentemente, a idéia de Escritura Sagrada, pois, o cânon nunca será apenas o que está registrado, mas

<sup>1</sup> TEOLOGIA SISTEMÁTICA, Louis Berkhof, p. 614

também o que está sendo revelado. Foi assim na época em que o Novo Testamento ainda não havia sido escrito. O povo tinha um cânon que correspondia às Escrituras do Velho Testamento juntamente com a revelação fresquinha dos apóstolos e dos profetas do Novo Testamento que ainda não havia sido escrita. Cremos que esta época já passou, pois os apóstolos e profetas que falaram inspiradamente já não existem mais. Se não entendermos dessa maneira, cairemos em outro problema ainda maior: considerar que, ora Deus fala como Deus (nas Escrituras), e ora Ele fala como homem (revelação moderna). Ou seja, Deus falou inspiradamente quando tratava-se das Escrituras Sagradas, mas agora Ele fala aos seus filhos como qualquer outro homem, sem inspiração, de maneira errante e falível. Não haveria idéia mais absurda a que pudéssemos chegar!

### **3. Não há registro desde os pais pós-apostólicos, até o início do século XX, de que Deus tenha conduzido sua igreja por “revelação”.**

Além dos ensinamentos apostólicos, nada mais foi escrito, e nada de novo foi revelado. Da mesma forma, até os dias modernos, nada há que tenha superado as Escrituras ou se colocado ao seu lado. As revelações ou visões modernas são estruturadas em cima de elementos bíblicos já revelados, e possuem um caráter extremamente particular e subjetivo. As revelações objetivas e públicas são extremamente perigosas para o profeta moderno porque o expõem à avaliação e ao fracasso. A revelação dos tempos bíblicos sempre era pública e objetiva, pois o profeta de Deus era inspirado, e não estava sujeito a erros como os profetas modernos, os quais não são inspirados nem inerrantes. O profeta não inspirado nunca passava no teste da falsa profecia, (Dt 18:20-22).

Depois da era apostólica, até mesmo os que ousaram dizer “O Senhor me falou”, ou foram taxados de falsos profetas, ou caíram em heresias, ou não foram levados a sério pela igreja cristã daquela época.

Os reformadores e os grandes avivalistas do passado nunca conduziram a igreja por meio de revelações ou profetismo, no entanto, conduziram multidões ao conhecimento de Cristo, coisa que dificilmente se consegue hoje, mesmo com tantas “revelações” e “operações do Espírito”.

Se a revelação profética fosse algo tão vital para a igreja hoje, por que então deixou Deus Sua igreja pós-apostólica até o início do século vinte sem a prática profética revelacional, quando muitos afirmam ter sido restaurada pelos primeiros pentecostais? Se dissermos que foi porque os crentes do passado não buscaram revelações, cairemos em dois sérios erros:

- 1) O erro de dizer que a obra do Espírito não é soberana, e que o Espírito só faz aquilo que o homem O deixa fazer. Veja o contrário disto em I Co 12:11;
- 2) O erro de dizer que o século XX foi outro Pentecostes. Desde a era pós-apostólica muitas pessoas e grupos enfatizaram a busca de revelações do Espírito, mas nunca conseguiram reacender a prática “revelacional” com expressividade como o movimento profético do início do século XX o fez. Por que isso? Acaso Deus mudou a maneira de falar com a Igreja e de dirigi-la? Por que somente a era apostólica e o século vinte provaram as “revelações do Espírito”? Por que a Igreja da idade moderna, responsável por tantos movimentos missionários e tantos reavivamentos nunca deu ênfase à prática revelacional? Era ela menos espiritual? Como então produziu tanto na evangelização?

Se o fenômeno revelacional moderno é o mesmo da era apostólica ou sua continuidade, por que então nada de *novo* foi revelado e *escrito* desde 1901 (início do

movimento pentecostal) até hoje? Com esse questionamento, parece que somos obrigados a chegar à conclusão que há dois tipos de prática revelacional: uma é inspirada, a dos escritores bíblicos; a outra é não inspirada, a dos profetas modernos. Se isso é verdadeiro, Deus estaria falando de maneira diferente da que Ele sempre falou (inspiradamente). Porém, qual a prova escriturística que temos para fundamentar a idéia de que Deus fala revelacionalmente mas sem inspiração? Nenhuma! Isto é prova de que esse ensino é humano, e parte de experiências subjetivas daqueles não têm nem mesmo condições de interpretar sua própria imaginação.

#### **4. Se a revelação moderna é a maneira de Deus falar com sua Igreja hoje, por que então Deus só fala com denominações pentecostais, simpatizantes, ou somente com aqueles que já são ambientados com as idéias de revelação?**

Uma constatação intrigante é a ausência, em grande parte, nas denominações históricas no mundo inteiro, de algo que, segundo os pentecostais, seria tão vital para a vida da igreja de Cristo, como é a comunicação revelacional de Deus. Dizer que as denominações históricas não recebem revelação porque não acreditam ou não buscam o fenômeno, é, deveras, inconsistente. Esse é o argumento de Caio Fábio <sup>2</sup> para indicar a razão pela qual os reformadores não provaram destas experiências.

Em Pentecostes, os discípulos tinham a promessa, mas não compreendiam o que aconteceria no dia do derramamento do Espírito e nem buscaram revelações (At 2).

Cornélio não cria no dom de línguas e o recebeu sem buscar, (At 10). Os efésios nada sabiam sobre o Espírito Santo. Depois de ouvirem o Evangelho, profetizaram e falaram em línguas, (At 19). Deus revelou-se a Paulo quando este, além de não ter buscado revelação, nem mesmo cria no Evangelho (At 9). Tanto Jesus quanto seus apóstolos fizeram milagres na frente de seus inimigos incrédulos. Portanto, não há base bíblica para tal afirmação que a revelação só vem aos que são crédulos. Não foi assim o modelo bíblico.

Um outro problema com esse argumento é a questão da natureza da revelação. Ora, revelação é, por natureza, voluntária e soberana, e não precisa que alguém esteja buscando-a ou que procure algum profeta em reuniões para-eclesiásticas (reuniões fora da igreja) para receber revelação. Se Deus quis revelar-Se, Ele o fez quando quis, a quem e como quis revelar-Se. Sempre foi assim no Antigo e Novo Testamentos. Deus é soberano em seus atos e propósitos. Sempre foi Deus que decidiu revelar-Se. Ele não Se revela por imposição, condição, ou exigência dos homens. Não precisa que o homem acredite ou não nisso para Deus revelar-Se. Doutra maneira, os pecadores incrédulos nunca poderiam ser salvos, pois eles não podem crer, mesmo assim é Deus quem lhes revela a verdade salvadora, (Mt 13:11-12; Lc 10:21). Portanto, Deus não escolhe revelar-Se apenas aos que crêem, pois Ele revelou-se muitas vezes aos que não criam em revelação. Esse é o propósito da revelação: trazer os incrédulos à luz (Lc 2:32). Assim, é totalmente antibíblico considerar a veracidade do movimento revelacional moderno se ele, além de divergir do modelo bíblico, somente ocorre entre aqueles que, de alguma maneira, já têm pressupostos revelacionais ou estão envolvidos com o movimento.

As revelações parecem algo que é sugerido por praticantes ou simpatizantes do fenômeno. Dificilmente se fala que Deus revelou-Se entre os crentes tradicionais ou entre aqueles que não crêem no fenômeno. Deus só tem Se revelado aos pentecostais/carismáticos? Ora, se Deus tivesse tratando com o seu povo, hoje, por

<sup>2</sup> Caio Fábio D'Araújo Filho, *ESPÍRITO SANTO, O DEUS QUE VIVE EM NÓS*, , p.91

revelação, Ele o faria em qualquer setor da Igreja, pois, ao estilo do Novo Testamento, Deus revelou-se aos incrédulos, e isto implicaria em confirmação da sua verdade pregada ao mundo. Não são os que já crêem em revelação que deveriam receber revelações, mas se o fenômeno é verdadeiramente moderno e necessário à vida da igreja, ele deveria estar presente entre os que não acreditam na possibilidade de Deus falar revelacionalmente nos dias de hoje, pois só assim o fenômeno seria atestado como verdadeiro. Dessa forma, se Deus estivesse se revelando hoje, essa revelação não deveria ser unicamente para pentecostais. Acaso somente eles são a Igreja?

Outra ênfase errada dada à revelação nos nossos dias é a sua prática em movimentos separados da igreja como um todo. Os profetas modernos parecem precisar de um ambiente só para eles, para que possam ficar à vontade com seu profetismo. Assim, muitas experiências proféticas modernas só acontecem em reuniões domiciliares ou para-eclésiásticas. Não há nenhum indício de tal prática no Novo Testamento. A profecia sempre foi exclusividade da igreja e não de grupinhos de crentes que se isolam do resto da igreja (I Co 14:19,23,28,34). Exceto os indivíduos que faziam parte do processo histórico-redentivo (como em Atos dos Apóstolos), Deus só falou revelacionalmente à Igreja.

Uma outra característica da profecia moderna é que ela é *subjetiva e particular*. É evidente que todo movimento profético moderno começa em uma residência ou pequeno grupo separado da igreja. Foi assim também o início do movimento pentecostal em 1901. O caráter particular da revelação moderna está no fato de que ela quase sempre acontece em reuniões exclusivas e particulares, quando grupos se excluem da totalidade da igreja para reuniões de oração e revelação. É pejorativo constatar que esse tipo de ambiente é propício a esconder o profeta em suas falsidades, pois, diante de um grupo maior ele está mais exposto a ser avaliado. Com um grupo pequeno, só comparecem lá aqueles que já têm seus pressupostos e suas crenças na revelação. Mesmo que o profeta erre em suas revelações, ele nunca passará vexame, pois o seu grupo que já é bem seletivo lhe apoiará, caso haja falsa profecia.

A característica subjetiva da revelação é que nos dias modernos os profetas nunca se levantam com grandes revelações como os profetas do passado. Os que tentaram um tão grande empreendimento revelacional caíram em descrédito por falsa profecia. O que se vê normalmente hoje é a típica profecia difícil de se averiguar ou avaliar. Geralmente os profetas modernos trazem revelações em linguagem dúbia sobre as coisas mais comuns e mais possíveis de acontecer na vida de qualquer pecador. Mas o maior de todos os problemas é a interpretação dada por quem ouve. Os profetas modernos não profetizam datas, lugares, indivíduos importantes da história, nações, guerras, catástrofes, mortes, ou grandes feitos de Deus na história. Está provado que todos os aventureiros que fizeram isso falharam vergonhosamente. Mas os profetas da Bíblia sempre fizeram isso. Suas profecias eram objetivas. A revelação moderna parece não ter sido muito semelhante ao modelo bíblico, pois, depois da era apostólica a revelação só tem tratado de casamentos, negócios, doenças, e pecado, etc. Seu uso deixou de ser da igreja, e passou a ser de consumidores particulares.

(2)

## *Os Maiores Problemas Entre a Revelação Moderna e as Escrituras Sagradas*

### **1. O termo “revelação” no N.T.**

Em nenhum lugar nas páginas do Novo Testamento há o ensino de que Deus continuaria a trazer novas revelações para o seu povo. As Escrituras apontam para sua perfeição em Apocalipse. Nada mais de revelação deverá ser esperado.

Muitos alegam o fato de terem tido *insights*, (intuições) que podem ser apenas um aspecto da iluminação. Outros afirmam que ouviram a voz de Deus, o que significa que: ou estão mentindo, ou Deus inaugurou uma terceira aliança na qual ele Se revelará novamente através de Sua comunicação verbal inspirada, infalível, e autoritativa, pois Deus não fala de outra maneira, já que ele não é homem. Essas pessoas têm levantado o argumento de que não precisam de tais credenciais, pois até mesmo Balaão profetizou sem credencial de profeta inspirado, o que pode acontecer nos dias de hoje. O problema com este argumento é que, mesmo que Balaão não tivesse credencial de profeta, a sua profecia ficou registrada nas *Escrituras Sagradas* do Velho Testamento. Onde estão as profecias escrituradas dos profetas modernos?

Não há indício no Velho ou Novo Testamento que a revelação tenha sido uma prática de cultos para-eclesiásticos, tendo em vistas indivíduos e seus mais peculiares e particulares interesses.

A revelação sempre teve como alvo trazer à luz a história da salvação. Ela sempre foi, ou para o povo de Israel (A Igreja do VT) ou para a Igreja. Quando a revelação era aplicada a pessoas individualmente, era porque elas, certamente, faziam parte da história da salvação que ficaria escriturada como Palavra de Deus; algo que não pode mais acontecer hoje porque a história já está completa. A revelação nunca foi para consumo particular, e sempre trazia doutrina revelacional (I Co 14:6,26). A Bíblia nada ensina sobre o uso da revelação para crentes comuns que freqüentam a igreja todos os dias. Deus tinha palavras revelacionais (doutrina) para a igreja (I Co 14:6, 19,) ou para os incrédulos (o evangelho), que porventura entrassem na igreja da era apostólica (I Co 14:26).

O Novo Testamento não ensina nenhuma outra forma de revelação para a Igreja de Cristo. É muito comum, nos dias modernos, pessoas chamarem de “revelação” algum insight que tiveram sobre os assuntos mais particulares de suas vidas (problemas de saúde, negócios, casamentos, problemas existenciais, etc.). Muitos utilizam os exemplos bíblicos de personagem do Velho e Novo Testamentos, e querem imitá-los, dizendo que se aconteceu com eles, pode acontecer também hoje conosco. A fraqueza deste argumento está no fato de que todas as pessoas envolvidas no relato bíblico foram escolhidas por Deus para fazerem parte do processo histórico-redentivo, ou seja, com aquela revelação individual havia algo relacionado a Cristo e seu reino. Elas sempre foram dirigidas por revelações inspiradas e infalíveis. O fato é que hoje as pessoas querem ser guiadas por revelação nos mínimos detalhes de suas vidas, nada tendo a ver com o processo histórico redentivo, e além disso, não são guiadas por uma revelação inspirada e infalível. Os profetas modernos, com certeza, têm cometido erros muitos sérios.

O termo grego “APOCALYPSIS”, “revelação”, acontece nas seguintes passagens do Novo Testamento: I Pe 5:1; Lc 17:30; Rm 1:17,18; I Co 14:30; II Ts 3:3; Gl 3:23; II Ts 2:6; I Pe

1:5; I Co 3:13; Mt 10:26; Lc 12:2; II Ts 2:8; Lc 2:35; Mt 11:27; Lc 10:22; Gl 1:16; I Co 14:16; **Fp 3:15**; II Ts 1:7; I Pe 1:7,13;4:13; II Co 12:1,7; Rm 2:5; Gl 1:12; Ef 1:17; Lc 2:32.

Essas são todas as ocorrências para o termo e derivados. Com exceção de Ef 1:17 e Fp 3:15 que o termo refere-se à iluminação, em nenhuma destas passagens podemos encontrar outro significado para “revelação” a não ser a *manifestação de um mistério que estava escondido*. Sendo assim, o termo não pode ser usado para insights que acontecem dentro da própria mente. Quando o termo é usado no sentido de iluminação, o contexto facilmente indicará tal uso. Mas nunca encontraremos o termo sendo usado para profecia com um sentido iluminatório. Muitos liberais têm usado o termo APOCALYPSIS para revelações na própria mente ou na alma, ou no coração. A revelação do protestantismo liberal acontece no próprio homem. Mas esse uso não é neo-testamentário quando se trata de profecia. O liberalismo defende uma revelação antropológica ou existencial, o que não corresponde ao modelo do profetismo bíblico revelacional.

## 2. Implicações da comunicação verbal de Deus.

Um grande erro cometido pelo movimento de revelação é o fato de não se levar em conta a natureza da comunicação verbal de Deus. Ouvi certo sermão em que o pregador dizia freqüentemente “o Senhor me falou”. Percebi que ele repetiu tantas vezes essa mesma expressão que ficou claro não se tratar de uma comunicação verbal de Deus, mas tudo não passava de um vício de linguagem. Muitas pessoas usam essa linguagem “o Senhor me disse” para seus mais variados *palpites* da alma. Nunca levam em conta que Deus só fala inspiradamente, autoritativamente, e infalivelmente. Quando profetas diziam coisas que Deus não falava, eles eram punidos com a morte, pois isso corresponde a levantar um falso testemunho contra Deus. No mundo dos homens, quando alguém afirma que outra pessoa disse algo que na realidade não disse, pode tornar-se caso de polícia, pois corresponde a um delito grave. Quantas pessoas estão brincando com coisa tão séria! Estão elas colocando palavras falíveis e mentirosas na boca de Deus, e acusando-O de suas falsas revelações.

Algo que precisamos entender ainda sobre a comunicação verbal de Deus é o fato de que Ele sempre conduziu seu povo com uma palavra infalível, inspirada, e autoritativa, tanto no Velho quanto no Novo Testamento. O grande problema com as revelações modernas é o fato de que elas não são inspiradas, nem infalíveis, nem autoritativas. Isso significa que Deus incorreu num terrível retrocesso na maneira de dirigir o Seu povo, pois antigamente dirigia Seu povo por meio de revelações inspiradas, e agora por revelações não inspiradas. Por que deixaria Deus Seu povo sofrer tamanho prejuízo nos dias modernos?

## 3. A função canônica da comunicação revelacional de Deus.

É verdade que muitas coisas que Deus revelou à Israel não foram escritas. Como também muitos milagres de Jesus não foram registrados. Mas tudo o que foi registrado foi suficiente para dirigir a vida do povo de Deus. Mesmo assim, esses fatos não tendo sido escriturados, eles sempre foram a Palavra infalível e inspirada de Deus, pois saíram da boca de seus santos profetas (I Pe 1:20-21). Mesmo que muitas palavras proféticas dirigidas à Israel não tenham sido escritas, elas foram usadas como Palavra de Deus, e

correspondiam ao cânon da época. Como também durante a época em que o Novo Testamento estava sendo escrito, não havia ainda um cânon das escrituras do Novo Testamento, mas a igreja tinham um cânon oral, que eram as diretrizes da Nova Aliança, reveladas por meio dos apóstolos e dos profetas.

É claro que hoje ninguém cairia no absurdo de fazer uma bíblia de revelações modernas, mas se alguém colocar em um pedaço de papel o registro das palavras que alguém disse ter recebido do Senhor, sem dúvida, esse pedaço de papel se tornaria um pedaço de Bíblia. Qual pois a diferença de natureza entre a palavra falada e a palavra escrita de Deus? Nenhuma! Ambas são inspiradas, infalíveis, e autoritativas. Se a palavra falada for escrita, ela se tornará a Palavra escrita. Foi assim no passado, por que haveria de ser diferente no presente? Ora, isso entraria em tremendo conflito com a idéia de um cânon sagrado, e abriria precedentes para a formação de milhares de “Bíblias” ao longo do tempo e do espaço.

Essa é uma das razões, pela qual nunca podemos imaginar que Deus se comunique verbalmente nos dias modernos. Não há como compreender as palavras de Deus sem o aspecto canônico. Toda palavra revelada implica em canonicidade. Mesmo que não entre num cânon para uma futura geração, mas ela funcionará como cânon para a geração que faz uso dela. Foi assim no passado. Mesmo que as palavras de Deus dirigidas para Israel não tenha sido registradas para nós, naquela época elas tinham seu valor canônico para dirigir a vida de Israel. As palavras provindas de Deus sempre são *palavras de Deus*. Sua escrituração não pode alterar sua natureza.

#### 4. O problema dos dois cânons.

O que normalmente se diz dentro do movimento de revelação moderno é que Deus já revelou a *doutrina*, e, agora, ele está revelando Sua vontade para a *vida* dos crentes. Divide-se assim a revelação em dois cânons: *o cânon para a salvação* - a Bíblia; e *o cânon para a vida* - a revelação moderna. Com esta concepção, muitos acham que Deus falou outrora sobre *doutrinas* e agora ele fala sobre a *vida*. Crêem que fazendo assim não ferem a suficiência nem a autoridade das Escrituras.

A falsidade deste argumento está no fato de Deus nunca ter produzido dois cânons. Paulo referiu-se às “*sagradas letras para a salvação*” que eram as Escrituras do Velho Testamento, e enfatizou-as como o cânon da vida “*proveitosa para ensinar, repreender, corrigir, instruir em justiça, para que o homem de Deus seja **perfeito e perfeitamente preparado para toda boa obra***” (II Tm 3:15,16).

Uma outra fraqueza da idéia dos dois cânons é que o “cânon da vida” dos que vivem em busca de novas revelações nunca acrescenta nada de novo. Geralmente as revelações para dirigir a vida dessas pessoas são meras repetições da linguagem e das idéias da Bíblia. Na maioria dos casos são “promessas” subjetivas, sem condição de se averiguar a falsidade de tais revelações. Certa vez eu estava dando uma palestra, e uma certa senhora me disse que Deus tinha falado com ela em alta voz. Perguntei-lhe o que Deus tinha lhe dito, e ela citou, decorado, Josué 1:9 como sendo as palavras que Deus havia dado para confortá-la. Ao dizer isso, aquela mulher revelou-se ser uma típica crente vagarosa em ler as Escrituras, que não cria nas promessas de Deus, e Deus precisaria estar sempre lembrando-lhe Suas promessas, como fazia com Israel, que em tão pouco tempo se esquecia dos milagres e das promessas de livramento. A esse povo Moisés tinha que estar sempre lembrando por causa da sua dura cerviz.



Um outro detalhe dos dois cânons é que o “cânion da vida” não é inspirado nem autoritativo. Como pode alguém confiar sua vida espiritual a um cânion sem nenhuma autoridade nem inspiração? Isto seria pura irresponsabilidade de quem se arrisca a dirigir sua vida por uma palavra que não seja a Palavra inspirada, inerrante e autoritativa de Deus. Essa foi a mesma prática pagã da igreja Católica Romana quando substituiu a Palavra infalível de Deus pela palavra “infalível” do Papa. Os que dirigem suas vidas por uma palavra que não seja a Palavra de Deus estão no mesmo pecado do Catolicismo, substituindo a Palavra de Deus pela palavra do homem.

### **5. A questão da imperfeição da doutrina apostólica.**

Se a revelação ainda não cessou, e a igreja ainda precisa de revelações hoje para sua vida, isso implicaria em que a doutrina apostólica ainda é *imperfeita*. O que mais os apóstolos escreveram foram os princípios para a vida cristã da igreja. A maioria das cartas de Paulo é para tratar de princípios práticos para vida de cada crente. Se achamos que Deus ainda continua revelando princípios para um cânion da vida, então os princípios apostólicos não foram suficientes, e deixaram uma brecha que está sendo suprida pelas novas “revelações do Espírito hoje”. Sendo assim, a doutrina apostólica estaria incompleta e imperfeita, dependendo de novas revelações. A grande dificuldade é que os princípios apostólicos são divinos, inspirados, infalíveis e autoritativos, enquanto que os princípios do suposto cânion da vida, revelados pelos profetas modernos não são. Ora, como podem os princípios apostólicos inspirados serem completados e aperfeiçoados por princípios revelados não inspirados?

### **6. Como Deus dirige seu povo**

É muito comum ouvir-se dizer entre aqueles que defendem a revelação moderna que a razão dessas novas revelações é o fato de Deus querer guiar sua igreja com uma palavra extra Bíblia. O fato é que ninguém percebe que Deus só dirige o seu povo com uma palavra infalível. Se Deus estivesse dirigindo o Seu povo por meio de uma palavra trazida do céu hoje, certamente que essa palavra seria infalível. Foi assim nos tempos bíblicos. A prova que a revelação cessou é que Deus já tem uma palavra infalível para sua Igreja, e desde que essa palavra terminou de ser escrita, nada mais foi escrito ou revelado de maneira infalível. Deus dirige Seu povo hoje através da Palavra infalível, que está completamente escrita.

### **7. O tipo de cristianismo fácil proposto pelo profetismo moderno.**

A busca por novas revelações é um fator negativo na vida dos que se dizem crentes. O modelo de fé deixado por Jesus é aquele que não depende de ver, ouvir, ou sentir. Jesus repreendeu a Tomé porque ele queria *ver*. Os que buscam revelação para ter fé em Deus ou melhorar sua vida espiritual estão caindo numa forma de cristianismo fácil, que foi condenado por Jesus. Ora, é claro que é muito mais fácil viver um cristianismo onde se pode ouvir a voz de Deus e ver o que Deus faz, do que crer em Suas promessas. Porém, tremendamente difícil é viver um cristianismo onde temos que crer nas promessas de Deus contra toda a adversidade da vida, sem nada ver ou ouvir. É muito mais fácil crer

quando há horizontes para isto, mas, tremendamente difícil é crer quando eles estão ausentes. Que crentes são esses que precisam ouvir a voz de Deus para ter fé? Isso nos lembra Israel no deserto, quando era necessário Moisés operar algum milagre para que o povo cresse em Deus, mesmo assim, depois de pouco tempo da evidência do milagre eles caíam em pecado novamente. O modelo da verdadeira fé é aquele que não depende do que *vê*, *ouve* ou *sente*, mas apenas *crê*. Esse é o modelo da fé de Abraão e de Paulo, e o modelo recomendado por Jesus como a verdadeira fé do crente.

## 8. O propósito da revelação

Qual o propósito da revelação hoje?

Muitos diriam que é para consolar os crentes, para adivinhar ou revelar pecados da igreja, e ainda outros dizem que é para guiar e edificar os crentes em algum propósito estabelecido por Deus. Esse modelo não é bíblico, pois nada há no N.T. que indique que a revelação era empregada para uso particular, (I Co 14:6). Todas as coisas necessárias para a perfeição dos filhos de Deus já foram reveladas em Sua Palavra. O que muitas pessoas estão fazendo hoje é tentando trazer uma palavra adivinhadora para a vida de alguém, o que não é normativo nas Escrituras. Em nenhum lugar nas Escrituras há o ensino de que a revelação foi dada à igreja para adivinhar aspectos particulares da vida dos crentes, ou de coisas que Deus tem para fazer com alguém. Ao contrário, o uso correto da revelação foi ensinado por Paulo, que deixou claro a finalidade da profecia: exortar, consolar, e edificar. Mas nunca de forma particular, e sim coletiva, corporativa, na Igreja e para toda a igreja, (I Co 14:26).

## 9. A revelação na igreja de Corinto

*“Que fazer pois irmãos? Quando vos reunis, um tem salmo, outro doutrina, este traz **revelação**, aquele outro língua, e ainda outro interpretação. Seja tudo feito para edificação.”* (I Co 14:26)

Que tipo de revelação estava presente na igreja de Corinto?

Muitos pensam que a revelação está voltada para o uso particular, um tipo de adivinhação para solução de problemas particulares de cada um, ou um mistério que Deus tem para cada crente em suas vidas particulares para edificá-los ou designá-los para algum propósito especial. Esta estranha interpretação da revelação origina-se das mais variadas concepções pentecostais/carismáticas do nosso tempo, mas está muito longe de corresponder ao que ensina o Novo Testamento sobre “revelação” em I Coríntios.

Negamos que “revelação” em I Co 14 tenha um sentido moderno que é dado pelo movimento pentecostal, o qual já expus acima, por três razões:

A *primeira* é que o termo “APOKALYPSIS”, (revelação), nunca foi empregado em todo o Novo Testamento para um uso igual ao uso dos movimentos proféticos modernos. Já demonstrei com todos os textos do Novo Testamento que este termo não se aplica aos interesses particulares de cada um.

A *segunda* razão é que o contexto de I Co 14, no qual esta palavra está inserida, trata de conteúdo doutrinário que edifica a mente de seu auditório. O verso 6 inclui todos os dons que trazem palavra edificante. As revelações eram verdades que eram trazidas *para a*

*igreja, e não para indivíduos particularmente*, assim como a profecia e a ciência. Havia uma diferença entre *doutrina* e *revelação* (v.6). A palavra doutrina, DIDAQUÊ é o ensino, que certamente era obtido pela reflexão das Escrituras do Velho Testamento e daquilo que os apóstolos já haviam ensinado à igreja; enquanto que a revelação, APOCALYPSIS, referia-se àquilo que Deus estava trazendo naquele momento sem um estudo prévio daquelas verdades, (14:30). Em I Co 14:6, Paulo está referindo-se aos dons doutrinários da igreja quando ele cita “revelação” (APOKALIPSEI), “ciência” (GNÔSEI), “profecia” (PROFÊTEIA), e “ensino” (DIDACHÊ). É claro que se ele não tivesse em vista algo de natureza semelhante quanto à matéria edificante, a revelação não poderia fazer parte da lista dos dons de doutrina. Está evidente, que neste contexto não há nenhuma indicação de algum dom que tenha sido dado com vistas ao benefício particular dos membros de Corinto. Toda ênfase do apóstolo recai especificamente sobre o proveito espiritual da igreja como um todo. Do contrário, a argumentação da analogia do corpo em I Co 12 não teria proveito nenhum para aquela igreja.

A terceira razão é que o conteúdo da revelação sempre foi a verdade sobre Cristo, o que podemos perceber com o uso que Paulo faz da palavra APOKALIPSIS, “revelação”, em Rm 16:25; Ef 3:3-5, e sua conexão com o mistério de I Tm 3:16. A revelação sempre foi a manifestação do mistério de Cristo. Em Corinto, a revelação que acontecia na Igreja sempre era uma mensagem revelada sobre a dispensação de Cristo para a Igreja, e sobre os mistérios da Nova Aliança. Isto era muito comum entre os apóstolos e profetas (Ef 3:5). Um outro fator que era matéria da revelação era a inclusão dos gentios no pacto da graça, o que, naquela época, constituía uma novidade tão dramática para os judeus, que, certamente, a Igreja precisava ser acompanhada na explicação deste mistério todos os dias, até que ficasse definitivamente firmada como Escrituras Sagradas a verdade total sobre o mistério de Cristo. Quando uma palavra de revelação era trazida para a igreja, sem dúvida, era uma palavra sobre os aspectos da obra redentora de Deus, manifestada agora (na época neo-testamentária), e que esteve oculta aos crentes do Velho Testamento, (Ef 3:5). Se de fato a revelação estivesse presente nos cultos pentecostais, eles deveriam exceder no conhecimento dos mistérios de Cristo sobre qualquer outro crente. Se os pentecostais/carismáticos de fato tivessem as revelações do Espírito, eles seriam o povo mais conhecedor das profundezas do evangelho de Cristo. Mas a verdade é o contrário. O movimento pentecostal, que se diz tão envolvido com as revelações do Espírito, está, na sua maioria, mergulhado em tão grande ignorância da Palavra de Deus, que tem se tornado num dos berços das piores heresias do nosso tempo, além de carecer profundamente de base bíblica para suas doutrinas.

### (3)

## *A Moderna Confusão Entre Revelação e Iluminação*

O que normalmente se diz da revelação hoje é que alguém *ouviu* a voz de Deus. Isto consiste numa grande confusão, pois os que assim dizem, muitas vezes não nos dão detalhes de como ouviram. A voz era um grito ou um cochicho? A voz veio de dentro da mente ou veio de fora? A voz falou somente dentro dos ouvidos ou veio do alto? A voz

veio em êxtase ou como quem fala com um amigo? *Qual é o timbre da voz de Deus?* Muitos têm dito que ouvem a voz de Deus. Parece-me que até agora ninguém que tentou dizer com que tipo de voz a de Deus se parece tenha sido levado a sério. Se juntássemos hoje cinco pessoas que ouviram a voz de Deus para darem o relato sobre o timbre da voz, certamente teríamos cinco timbres diferentes. Aliás, foi algo que ainda não ouvi alguém dizer, com que a voz de Deus se parece.

Ora, não basta apenas alguém dizer que ouviu uma voz. A questão é saber se aquela pessoa conhece a voz de Deus. Mesmo que diga que ouviu alguma coisa, nada nos garante que ela conheça a natureza do que tenha ouvido. O interessante é perceber que hoje muitas pessoas se julgam tão familiarizadas com a voz de Deus, como se os nossos dias fossem a mesma época dos tempos bíblicos, quando Abraão, Moisés, Samuel, Paulo e outros ouviram Deus falar. Muita gente quer imitar estes personagens bíblicos, mas esquecem-se que o fenômeno foi inspirado.

O maior de todos os problemas nos dias de hoje é a tremenda confusão feita entre iluminação e revelação. O fato de não fazermos distinção teológica entre essas duas palavras nos levará a erros gravíssimos sobre o método de Deus falar hoje.

O que era a revelação nos tempos bíblicos? A revelação diz respeito a algo que estava oculto e foi trazido às claras, era algo que vinha de fora. Ela era voluntária e soberana, pois sempre era operada por Deus diretamente no profeta que trazia a mensagem. A mensagem da revelação não era preparada pelo homem, mas por Deus. O profeta era apenas a boca de Deus, pois ele não falava as coisas que achava, mas aquilo que Deus colocava na sua boca para falar.

A iluminação não corresponde a algo que estava oculto, mas a algo que já foi revelado. O mensageiro não tem algo novo, mas uma compreensão nova do que já foi revelado. Ele prepara-se estudando o texto, acompanhado de oração e humildade. O Espírito de Deus faz-lhe entender profundezas da Palavra que um incrédulo jamais alcançaria. A iluminação não é algo que Deus está trazendo novamente à realidade escriturística, pois ela já está lá. Mas é algo que Deus está fazendo a mente apreender e compreender. O único caso que poderíamos chamar ainda de revelação é a compreensão da verdade salvadora por um pecador. Ao pecador foi revelada a verdade salvadora. Em Teologia chamamos de “verdade revelada”, mas ainda assim, este tipo de revelação não corresponde à típica revelação profética inspirada dos tempos bíblicos. Ela está mais para uma iluminação dos olhos da alma, para que o pecador veja sua profunda necessidade do Salvador.

Muitos têm confundido a iluminação com a revelação. Têm chamado de profecia ou revelação certos insights que um pregador tem ao fazer uma exposição da Bíblia. Outros acham que determinados palpites, fortes emoções, certos discernimentos, e até mesmo atitudes que nem sequer alguém tinha consciência do que estava fazendo, corresponde à revelação, quando tudo isto faz parte da iluminação.

Deus não diz hoje audivelmente “Meu filho faça isso!”, mas Ele dirige os pensamentos e dá discernimento espiritual da Sua Lei para que os crentes tomem decisões certas. Quão imaturo se revelaria um crente que a todo tempo Deus tivesse que falar-lhe tudo o que ele deveria fazer em sua vida! Se fosse assim, nem mesmo erraríamos nas nossas decisões porque elas não seriam nossas, mas seriam as decisões de Deus. Também não precisaríamos de fé, pois andaríamos pelo que ouvíamos. Não tenho visto crentes que afirmam ser dirigidos à base de revelações terem uma vida melhor do que os que têm que tomar suas próprias decisões. Ao contrário, o que constatamos é que esses crentes são os

mais problemáticos porque refletem uma personalidade infantil e imatura, que têm errado muito ao longo de suas vidas seguindo decisões que nunca foram revelações, nem poderiam ser, mas apenas palpites de pecadores falíveis, que nem ao menos sabem direito discernir a vontade de Deus para suas vidas nas Escrituras Sagradas. Se tais crentes, de fato estivessem sendo guiados à base da revelação infalível de Deus, eles nunca falhariam. O que estou dizendo não é que eles até tenham acertado em alguma coisa, não! O que quero dizer é que eles, se de fato estivessem sendo guiados pela revelação de Deus, em toda a sua vida, nunca poderiam errar, pois do contrário, Deus estaria errando.

Uma outra anomalia que a idéia de revelação hoje produz é perverter o verdadeiro princípio do Cristianismo: “*O justo viverá por fé*”, (Rm 1:17). A revelação indica que sobre os assuntos que estão sendo revelados não há o exercício da fé, pois, ninguém procurará crer nas promessas de Deus reveladas nas Escrituras, mas sempre procurará andar, não por fé, mas pelo o que ouve. Os que buscam revelações hoje estão sempre dizendo também que “vêm”. Não somente “ouvem a voz de Deus”, mas também têm “visões de Deus”. O princípio maior do Cristianismo deixado por Jesus é o mesmo que foi dito pelo apóstolo Paulo em II Co 5:6-7: “*Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor; visto que andamos por fé, e não pelo o que vemos.*” Quando Paulo falou isso, ele ainda vivia numa época de revelação, a era apostólica. Mas Ele já está apontando, com estas palavras, para o desvanecimento da revelação, ou seja, para uma época em que os crentes deverão apenas crer na verdade que foi revelada, e não buscar “ver” e “ouvir” a vontade de Deus.

**INTERPRETAÇÃO DO TEXTO DA CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER:  
As Escrituras como o cânon da vida.**

”Todo conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para glória dele e para a salvação, fé e *vida do homem*, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por *novas revelações do Espírito*, nem por tradições dos homens; reconhecemos entretanto, ser necessária *a íntima iluminação do Espírito de Deus* para a salvadora compreensão das coisas reveladas na palavra, e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comuns às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras gerais da palavra, que sempre devem ser observadas.” (Conf. De Fé de Westminster, cap 1 seção VI) (*itálicos meus*)

O que de fato os teólogos de Westminster quiseram dizer com as expressões “vida do homem”, “novas revelações do Espírito”, e “iluminação do Espírito”. Consultemos pois o comentário de A. A. Hodge sobre esta seção da Confissão de Fé de Westminster:

“Esta seção nos ensina o seguinte:

1) Que as Sagradas Escrituras do Velho e Novo Testamentos são uma *completa* regra de fé e prática: elas abraçam toda a totalidade de tudo aquilo que a revelação sobrenatural de Deus tem para os homens, e são abundantemente suficiente para todas as necessidades práticas dos homens e das comunidades.

Podemos tirar a prova disso:

- a) *Do desígnio das Escrituras.* As Escrituras professam nos conduzir a Deus. Tudo o que necessário para esse fim, elas nos ensinam. Se algum conhecimento complementar é necessário, elas apontam para isto. Declarar que elas não são completas é falsidade.
- b) Enquanto Cristo e os apóstolos constantemente referiam-se às Escrituras como uma regra autoritativa, nem eles, nem as Escrituras em si mesmas jamais se referiram a uma outra fonte de divina revelação qualquer quer seja. As Escrituras sempre afirmaram todas as prerrogativas de plenitude. Jo 20:31; II Tm 3:15-17
- c) As Escrituras ensinam um perfeito sistema de doutrina, e todos os princípios, os quais são necessários para o regulamento prático das vidas dos indivíduos, comunidades, e igrejas.

2) Nada, durante a presente dispensação, deve ser acrescentada a esta completa regra de fé, ou por novas revelações do Espírito ou por tradições dos homens.

Nenhuma nova revelação do Espírito deve ser esperada hoje.

- a) Porque ele já nos tem dado uma completa e toda-suficiente norma.
- b) Porque, enquanto o Velho Testamento faz predição da nova dispensação, o Novo Testamento não faz referência a nenhuma outra revelação que deva ser esperada antes da segunda vinda de Cristo: o único evento a ser esperado é a segunda vinda de Cristo.
- c) Desde a era apostólica, nenhuma pretensa revelação do Espírito tem apresentado as marcas nem tem sido acompanhada com os sinais de uma revelação sobrenatural: ao contrário, tudo o que tem vindo à público, como os Mórmons, é inconsistente com a verdade das Escrituras, diretamente se opõe à autoridade das Escrituras, e ensina uma péssima moral. As revelações privadas têm sido professadas somente por vãs entusiastas, e são impossíveis de serem verificadas.” (THE CONFESSION OF FAITH, A. A. HODGE, pp.37,38)

Para os teólogos de Westminster a igreja não deve esperar nenhuma outra revelação do Espírito para os dias atuais, pois as Escrituras do Novo Testamento não fazem menção à elas. Eles entendiam que tudo o que era necessário para a vida comum do povo de Deus já estava revelado. As Escrituras Sagradas são o único e suficiente cânon da vida do povo de Deus.

## (4)

### *A Revelação Moderna e a Suficiência das Escrituras*

#### **1. A continuidade do cânon: conclusão coerente dos que admitem novas revelações.**

Um pregador carismático chamado Leroy Garret, escreveu um artigo sobre “o perfeito” de I Co 13:8, e nesse artigo, Garret chegou à conclusão que todas as pessoas que afirmam ter revelações modernas deveriam chegar se quisessem ser mais coerentes: o da continuidade do cânon.

Na verdade, Garret é mais sincero e coerente com seu ponto de vista teológico, porque, se ele admite que Deus ainda fala hoje, verbalmente, com seus filhos, nada impede de que Deus queira falar algo mais do que já foi escrito. Eis o que ele diz:

“Esta opinião apresenta alguns problemas formidáveis desde o início. Um deles é que a conclusão do cânon, seja no tempo ou de fato, não pode ser aceita como um regra rígida e inalterável.”<sup>3</sup>

A grande preocupação que os carismáticos têm com o cânon não é simplesmente com uma regra fixa de livros, pois nenhum deles sugere escrever livros sagrados. A questão é que o cânon valida o conteúdo da revelação como *inspirado* e *inerrante*, encerrando assim qualquer tentativa de uma comunicação verbal igual à dos livros Sagrados, pois trata-se de revelação divina. Se a revelação moderna não for validada nestes termos, ela descaracterizará a pessoa que fala: Deus. Nunca podemos imaginar que Deus fale algo sem inspiração e inerrância. Na verdade, os que se opõem ao cânon querem admitir que ele não pode ter encerrado a antiga maneira de Deus falar, visto que Deus ainda continua falando da mesma maneira que falou na época em que os livros do Novo Testamento estavam sendo escrito, mas ao mesmo tempo não querem admitir que Deus fale inspiradamente como foi no passado, o que consiste numa incoerência teológica. Os pentecostais são muito precipitados em dizer que Deus faz hoje as mesmas coisas que fez no passado, mas nunca levam este pensamento até às últimas conseqüências. Vejamos o que diz o prefácio da BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL:

“Nestes dez anos, ao escrever as notas e estudos desta Bíblia, estou cada vez mais convicto de que o Espírito Santo não está limitado às páginas das Escrituras, e que Ele deseja operar hoje, como nos tempos bíblicos... O Espírito de Deus deseja operar na igreja, e através dela, do mesmo modo que operou no ministério terreno de Jesus, e que continuou a operar na igreja apostólica do século I.”<sup>4</sup>

Mesmo depois de tal afirmação, nenhum pentecostal admite que Deus continua a escrever a Bíblia nos dias de hoje. Se admite-se que hoje o Espírito opera da mesma maneira que no passado, onde estão as profecias e os escritos *inspirados* dos profetas modernos? Onde estão as declarações infalíveis e autoritativas do Espírito para toda a igreja cristã do século XX? É evidente que depois da era apostólica o Espírito não continua a fazer as *mesmas coisas* que fez no passado, pois isso não é a vontade de Deus. O autor da BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL comentou apenas os escritos da época do Velho e Novo Testamentos, mas, por que não comenta as profecias e revelações modernas? Parece-me que para ele, o que o Espírito fala e revela hoje não é tão importante quanto aquilo que falou no passado. Isto denuncia que hoje, nem mesmo os pentecostais, levam à sério a idéia de uma revelação *inspirada* do Espírito igual ao que acontecia na era apostólica.

O maior de todos os problemas com este ponto de vista é ter que admitir que hoje, como no passado, temos entre nós profetas inspirados com os quais Deus ainda fala. Não há no Velho ou Novo Testamentos a idéia de que Deus fala verbalmente com qualquer pessoa. Deus somente falou com profetas ou com aqueles que tinham um dom especial de revelação, mas estes sempre falaram inspiradamente, (Pe 1:20-21). Ou eles terão de admitir

<sup>3</sup> O QUE É PERFEITO, p. 1

<sup>4</sup> BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, prefácio do autor, Casa Publicadora das Assembléias de Deus

que as mensagens recebidas pelas novas revelações não são inspiradas, nem autoritativas, nem infalíveis, sendo, portanto, opcional para a igreja crer nelas como verdade de Deus. Mas como pode a palavra de Deus ser opcional para o seu povo, se os revelacionistas admitem que é tão necessário ouvir a voz de Deus extra Escrituras ainda hoje?

Todos os que crêem que Deus fala hoje ao seu povo como falou no passado deveriam crer que nada impede a Deus de comunicar verdades infalíveis e autoritativas hoje, como foi no passado. Seria uma incoerência absurda não admitir isso!

## **2. A incoerência entre revelação moderna e fechamento do cânon.**

O que significa o fechamento do cânon?

O fechamento do cânon significa que Deus não continuará mais revelando sua Palavra de maneira inspirada e infalível. O cânon pôs fim definitivamente a comunicação verbal de Deus. A maior prova do que estou falando é o fato de que as revelações de hoje nada trazem de novidade, nem o Novo Testamento aponta para futuras revelações de mistério, além da volta de Cristo. Geralmente as novidades revelacionais modernas ou são heresias que confrontam as doutrinas das Sagradas Escrituras, ou são assuntos que já foram revelados nas Escrituras. Tenho ouvido muita gente contar o que Deus falou, e nada mais é do que uma fraca imitação da linguagem e das idéias da Bíblia. Se elas não trazem novidades, por serem proibidas nas Escrituras, (Gl 1:7), e se não devem trazer contradições, então, o que restará é que elas trarão o que já está nas Escrituras. Dessa forma, é preferível ficar com as verdades já reveladas das Escrituras porque são inspiradas.

Deus não poderia estar se comunicando verbalmente com Seu povo hoje, porque houve uma tremenda fragmentação do Cristianismo. Muitas pessoas acham que Deus fala hoje do mesmo modo do passado, mas esquecem-se que no passado Deus só falou no contexto de Israel ou da Igreja, e isso num contexto orgânico único, e não apenas espiritual. Hoje, isso é completamente impossível, pois não existe mais o contexto orgânico como havia em Israel e na Igreja da era apostólica. O contexto da igreja moderna é apenas espiritual, pois há milhares de denominações e igrejas espalhadas pelo mundo todo. Deus teria que ter milhares de mensagens para cada igreja, e esse nunca foi o modelo bíblico. A verdade era a mesma verdade para todo o povo de Deus. Não havia uma verdade para cada igreja, pois os princípios espirituais da vontade de Deus era para a igreja como um todo. Todas as verdades espirituais necessárias foram dadas a todo o povo de Deus, eis a razão por que tantas cartas enviadas a todas aquelas igrejas da era apostólica fazem parte do cânon para todo o povo de Deus hoje. É claro que isto, como foi no passado, não pode estar acontecendo hoje!

Uma outra questão que implica em incoerência dos revelacionistas é a busca de diretrizes fora do cânon. Isto atesta que o cânon não é suficiente para o povo de Deus hoje. Algo mais tem de ser buscado. Mas devemos perguntar ainda: Que peso de autoridade têm os princípios de direção para o povo de Deus trazidos pelas novas revelações? Muitos defendem que as novas revelações não ameaçam em nada a autoridade e suficiência das Escrituras. Mas, como pode não ameaçar a autoridade das Escrituras se toda revelação moderna requer que creiamos que Deus está falando tão verdadeiramente quanto falou no passado? Se admitirmos que as novas revelações têm um certo peso em autoridade para o



povo de Deus, vamos ter que admitir que as Escrituras Sagradas, em algum lugar, deixaram brecha para uma nova revelação com um mesmo peso de credibilidade da Palavra escrita. A prova do que estou falando está no fato de que, se essas novas revelações não tivessem um certo peso de autoridade igual às Escrituras Sagradas, ninguém as levaria à sério, nem as tomaria para sua vida. Vale salientar que os pentecostais aceitam uma certa dose de autoridade da revelação moderna, mas ao mesmo tempo não consideram-na como inspirada. No entanto, todos os revelacionistas querem nos forçar a crer nas novas revelações usando sempre o exemplo de que Deus também falou no passado. Isso nada mais é do que reivindicar a mesma autoridade das Escrituras Sagradas (que foram comunicadas inspiradamente no passado) para suas modernas revelações. Se eu disser que não acredito numa revelação que alguém teve hoje, muitos se precipitarão em me condenar por minha incredulidade. Por que isso? Porque eles exigem que eu creia naquela revelação da mesma forma como eu creio nas Escrituras.

Mas se Deus fala hoje como falou no passado, por que Ele então não falaria inspiradamente como fez no passado (2 Pe 1:20-21)? Por que então os revelacionistas não escrevem suas revelações inspiradas e tornam-nas em milhares de Bíblias?

Devemos concluir que a maior incoerência entre aqueles que acham que Deus faz as mesmas coisas hoje como fez no passado é não admitir que Deus esteja escrevendo Bíblia hoje. Por que não? Por que necessariamente Deus estaria se comunicando verbalmente hoje, como fez no passado, mas sem inspiração? Se as revelações modernas são para serem cridas e obedecidas como Deus falando ao seu povo, por que não colocá-las no papel e enviá-las às igrejas de Cristo espalhadas em todos os lugares do mundo? Ou elas não têm peso para isto? Se não têm, para que servem afinal?

### **3. Jack Deere: o carismático mais sincero do século XX.**

Jack Deere é um pregador americano, membro da sociedade Vineyard de John Wimber, um dos mais recentes movimentos proféticos de nossa época. Jack Deere escreveu vários livros, dentre eles o que se chama *SURPREENDIDO PELA VOZ DE DEUS*. Deere, hoje, conta com o descrédito da comunidade teológica histórica americana por uma teologia pervertida a partir de suas errôneas interpretações das Escrituras e de suas próprias experiências. Entre os vários erros de Deere está a atribuição da doutrina da Suficiência das Escrituras sagradas a uma doutrina demoníaca. Eis o que ele diz:

“A fim de cumprir os mais altos propósitos de Deus para nossas vidas, nós devemos ser capazes de ouvir a Sua voz tanto na palavra escrita, quanto na palavra fresca falada dos céus...Satanás entende a importância estratégica dos crentes ouvirem a voz de Deus, portanto, ele tem lançado vários ataques contra nós nesta área. Um dos seus mais vitoriosos ataques tem sido o desenvolvimento de uma doutrina que ensina que Deus não nos fala mais, exceto, através da palavra escrita. Afinal, essa doutrina é demoníaca, muito embora, teólogos crentes têm sido usados para aperfeiçoá-la.” (Deere’s response to The Briefing- sight na internet) *Esta citação está em seu livro SURPREENDIDO PELA VOZ DE DEUS, publicado em português pela editora Vida.*

Jack Deere é sincero em chegar a esta conclusão. Para ele, a idéia de Suficiência das Escrituras amarra a Deus de continuar falando ainda hoje. Este pensamento deveria estar

na mente de todos aqueles que admitem novas revelações e novas comunicações verbais de Deus hoje. Um verdadeiro crente reformado nunca admitiria novas revelações, pois a primeira coisa que ele teria de abandonar seria a doutrina da Suficiência das Escrituras. Desde o início venho chamando-o de “o carismático mais sincero” porque ele crê em novas revelações em detrimento da doutrina da Suficiência das Escrituras, enquanto muitos estão dentro das igrejas reformadas, afirmando que crêem em novas revelações, e ainda afirmam que crêem na Suficiência das Escrituras. Isso consiste em uma contradição absurda. Todos os que começaram ouvindo a voz de Deus acabaram por abandonar a Sua Palavra escrita em algum ponto. Jack Deere é uma prova disto.

Todas as pessoas envolvidas com revelações, dificilmente, terão maturidade para decidir entre uma nova revelação e as Escrituras Sagradas quando estas entrarem em contradição, e houver jogo de interesses por parte dos que trazem as revelações. Por esse motivo, eles nunca deveriam falar em Suficiência das Escrituras. Aquilo que é suficiente não necessita nunca de algo mais.

Um ponto de vista tremendamente bizarro é o de Wayne Grudem, um erudito batista, que se diz reformado, e que tem sido criticado por muitos eruditos modernos, pelo fato de tentar afirmar a suficiência das Escrituras <sup>5</sup> e ao mesmo tempo admitir um tipo de profecia revelacional não inspirada para os dias de hoje. É ele quem recomenda o livro de Jack Deere na contra capa de SURPREENDIDO PELA VOZ DE DEUS <sup>6</sup>. Isto é prova de que a soma de um ponto de vista revelacionista com um ponto de vista reformado sempre causará uma terrível confusão de idéias. Como Jack Deere, ninguém poderá ser reformado e revelacionista moderno ao mesmo tempo.

#### **4. Os Mórmons, os Adventistas e as Testemunhas de Jeová levaram mais a sério a idéia de revelação moderna do que o profetismo dos nossos dias.**

Os grupos heréticos como o Mormonismo e os Adventistas do Sétimo Dia entenderam melhor a natureza da revelação do que os movimentos proféticos modernos dentro da cristandade protestante. Os Mórmons entenderam tão bem que uma nova revelação implica em canonicidade, que formaram mais dois livros proféticos para completarem a Bíblia: “Doutrina e Convênios”, que são profecias de Joseph Smith; e “Pérola de Grande Valor”, também escritos proféticos (segundo eles) que tratam da história de Abraão no Egito. Para os Mórmons, estes escritos têm peso de Escritura porque são revelações, e eles não admitem que Deus tenha dado revelação sem canonicidade.

O mesmo se pode dizer dos Adventistas do Sétimo Dia com os escritos profético de Ellen G. White. O livro das profecias de White acompanham o pregador sempre que ele sobe ao púlpito, juntamente com a Bíblia. Os escritos dela são considerados como escritos inspirados. Eles levaram tão a sério a profecia que várias vezes profetizaram o fim do mundo e o advento de Cristo. Eis a razão por que foram chamados de Adventistas. A postura deles estava certo em relação à concepção que eles tinham da revelação. Toda profecia era Deus falando e toda revelação era inspirada. Essa foi a razão dos Adventistas serem conhecidos como um movimento profético do século XIX.

Com as Testemunhas de Jeová já foi um pouco diferente. Eles não escreveram livros sagrados, mas levaram à sério as profecias de seus líderes de tal maneira que, ao estilo dos

<sup>5</sup> Wayne Grudem, SYSTEMATIC THEOLOGY, p. 128, Zondervan, Michigan, 1994

<sup>6</sup> O que me faz achar no mínimo sintomático é que Wayne Gruden (que se diz reformado e aceito por muitos autores reformados) recomenda a leitura dos livros de Jack Deere.

Adventistas, esperaram várias vezes o fim do mundo e o Armagedom. Isso só foi possível por causa da concepção que eles tinham da revelação profética.

É incrível que grupos heréticos tenham entendido tão bem o papel da revelação, enquanto que os pentecostais/carismáticos de nosso tempo têm desqualificado o conceito da revelação e da profecia. Para essas seitas, a revelação e a profecia têm caráter inspirado porque são divinos. Já para os pentecostais esse caráter de inspiração não existe. Revelação e profecia é algo tão comum quanto cantar um hino ou fazer uma oração. Eles mudaram e desqualificaram o termo “profecia” e “revelação”. No movimento pentecostal “profecia” e “revelação” não têm o mesmo sentido do Velho e Novo Testamentos em termos de inspiração, mesmo afirmando que Deus está falando por intermédio de uma pessoa.

Para os pentecostais/carismáticos do nosso tempo, tanto revelação quanto profecia é algo tão corriqueiro que Deus fala com os pecadores como dois homens conversam sobre qualquer assunto. Para eles, a revelação nada tem a ver com inspiração ou comunicação divina, como entenderam os grupos heréticos já citados.

Sobre esse assunto, vejamos mais uma incoerência de Jack Deere sobre a maneira de Deus falar hoje com Seu povo:

“Assim, numa leitura *prima facie* das Escrituras qualquer pessoa esperaria Deus continuando a comunicar-Se com seus filhos durante toda a era da igreja com a mesma variedade de métodos que Ele sempre usou.” (Deere’s response to The Briefing- sight na internet)

Esta é a marca registrada da incoerência da maioria dos pentecostais/carismáticos de nossa época. Como pode alguém admitir que Deus fala ainda hoje utilizando os mesmos métodos que ele sempre usou, sem levar em consideração o método inspirado de revelar as verdades que ficaram escritas no Velho e Novo Testamentos? Se perguntarmos aos pentecostais/carismáticos se eles têm profecias e novas revelações eles afirmam positivamente, porém se perguntarmos se essas profecias e revelações são inspiradas, eles negam. Assim, nem os pentecostais admitem realmente que Deus esteja utilizando os mesmos métodos do passado.

Uma outra grande incoerência e falta de evidências conclusivas está ainda nas palavras de Deere:

“Nós também cremos que Deus nunca pretendeu que a Sua comunicação com o homem fosse finalizada pela Sua palavra escrita; tal doutrina não é ensinada, nem pelo exemplo, nem pelos preceitos no Velho ou Novo Testamento.” (Deere’s response to The Briefing- sight na internet)

Com essa afirmação, Deere diz que Deus nunca cessou de falar por causa da Palavra escrita, no entanto, ele não mostra sequer um pedaço de Bíblia que tenha sido escrita pela continuação da comunicação verbal de Deus com o homem. Parece que o método continuou, mas a natureza do conteúdo mudou radicalmente. Se Deus não cessou sua comunicação verbal, onde estão os escritos dos profetas modernos? Não afirma Deere que tudo continua da mesma forma como era antes? Onde, pois, estão as grandes revelações e profecias inspiradas trazidas para o povo de Deus como um todo?

Na verdade, afirmar que Deus está realizando as mesmas coisas do passado consiste numa maneira grosseira de se querer validar algo no presente que nada tem a ver com o que Deus já realizou no passado.

### **5. A ausência de qualquer evidência moderna de profetismo escriturístico é a maior prova de iluminação e não de revelação.**

Que tipo de revelação temos hoje que Deus nada mais revela ao seu povo, além de casamentos, negócios, e interesses particulares? A revelação moderna é tipicamente egoística. Ela gira em torno de pessoas e de pequenos grupos que a utilizam para um consumo particular e interesseiro. Já vimos anteriormente que esse modelo de revelação não é natural da igreja da era apostólica. A revelação da igreja apostólica era para a igreja, e destinava-se à igreja. Todo uso particular dos dons era proibido. Os termos “revelação” e “profecia” eram entendidos na igreja de Corinto como eram entendidos pelos apóstolos, pois aquela era a era apostólica da revelação e da profecia. Além do mais, é Paulo, o apóstolo das revelações, que trata dos assuntos de revelação e profecia. Nunca podemos imaginar que o apóstolo Paulo, apóstolo inspirado, esteja falando de um outro tipo de revelação e profecia quando escreveu à igreja de Corinto, pois isso causaria tamanha confusão, pois ele mesmo incluiu-se entre aqueles que profetizavam, “*porque em parte conhecemos e em parte profetizamos*”, (I Co 13:9). Ora, se Paulo disse que profetizava em parte como os profetas de Corinto, então ele não podia estar falando de profecia sem ser inspirada. Como poderíamos imaginar um apóstolo profetizando sem inspiração? Além desse argumento, o Novo Testamento não faz nenhuma distinção entre dois tipos de profecia. Jamais encontraremos provas bíblicas para que os apóstolos tivessem em mente dois tipos de revelação e dois tipos de profecia.

Se a profecia da era apostólica está presente hoje, onde estão os profetas inspirados? O que a igreja moderna produziu até os dias atuais com as revelações e profecias? Parece-me que, depois da era apostólica, em dois mil anos nada significativa foi escriturado para as igrejas de Cristo. Isto significa que a revelação moderna tem atendido muito mais a interesses particulares do que à igreja, como foi no passado.

A verdade é que a revelação moderna não é inspirada, por isso ela nunca produzirá nada de novo na igreja de Cristo. A profecia moderna corresponde a um mar de subjetivismo não averiguável. Eis o que diz Jack Deere contra toda a realidade do que podemos presenciar nos nossos dias:

“Alguém que acredita que Deus fala hoje, não acredita em nada diferente de Jesus e os apóstolos. Eles foram capazes de ouvir Deus falar numa variedade de maneiras ao longo das Escrituras. São eles que demonstram que é possível ouvir a voz de Deus fora da Palavra escrita, e sem ser lançado à deriva num puro mar subjetivo de sentimentos alheios.” (Deere’s response to The Briefing- sight na internet)

Aqui faltou uma pitadinha de sinceridade em Deere, pois ele mesmo não deveria se enganar, já que convive tanto com o revelacionismo da Vineyard, onde se vê que o profetismo moderno é puro subjetivismo. Com tão pouco envolvimento, qualquer cristão descobrirá isso. Por que aqui Deere tem que ser tão insincero?

## 6. O engano da idoneidade.

É muito comum ouvirmos o argumento de que não podemos duvidar de pessoas idôneas que tiveram revelações e ouviram a voz de Deus. Quem usa este argumento para crer em tudo o que lhe aparece às vistas não leva em conta que os melhores homens dentre a humanidade podem errar. A história mostra que as piores heresias saíram do meio de homens piedosos e de oração. As grandes heresias da história da igreja surgiram depois que alguém desceu a um bosque para orar, ou depois de uma reunião de oração domiciliar. A sociedade Vineyard de John Wimber também começou assim. A maioria dessas pessoas sempre foi reconhecida pelo bom caráter e pela sua idoneidade. Conheço vários irmãos que não posso nem sequer pensar em duvidar de sua integridade moral e espiritual, mas infelizmente estão no caminho dos piores erros teológicos modernos. A verdade é que tem muita gente sincera enganada. Também nunca devemos nos esquecer que mesmo que as pessoas pareçam ser honestas para conosco, elas podem ser desonestas para com Deus. Essa é a razão pela qual, em matéria de revelação, nunca podemos acreditar em homens falíveis. Isso significa que não pode haver credibilidade hoje nas pessoas, mesmo as mais idôneas, que dizem ter tido revelações, porque elas não têm credenciais de profeta inspirado.

Um fato muito esquecido atualmente é que no Velho e Novo Testamento, todas as pessoas que disseram que receberam “uma palavra revelada de Deus” para alguém, ou foi profeta ou foi apóstolo, ou alguém ligado aos apóstolos. Hoje a igreja tornou a idéia de revelação algo tão corriqueiro que, em qualquer esquina e a qualquer hora, qualquer pessoa pode ter uma “palavra revelada de Deus” para alguém.

Um outro fator muito importante que tem sido esquecido é a questão da fé no subjetivo. No mundo dos homens não podemos acreditar em qualquer coisa, sem que haja objetividade (verdades científicas, e fatos evidentes do cotidiano), ou condições de averiguação. Por que com respeito à revelação de Deus tem que ser diferente? Quando alguém diz que recebeu uma revelação e uma outra pessoa contesta, muitos protestam e até chamam o irmão questionador de “incrédulo”. Mas se a pessoa que trouxe a revelação não é profeta inspirado e nem infalível na revelação que traz, por que, então, sua palavra tem que ser crida indiscutivelmente como se fosse uma verdade inspirada? É pura tolice acreditar em alguém simplesmente porque ela afirma: “Assim diz o Senhor”. Nunca podemos acreditar no subjetivo religioso, a menos que seja inspirado. Qual a credencial que alguém tem para me fazer acreditar que Deus está falando por ele? Como posso acreditar que Deus esteja dando Suas palavras para mim através de alguém sem credenciais de profeta inspirado? Ora, se a palavra que alguém traz de Deus para mim não é inspirada, nem infalível, então é mero palpite ou sugestão. Só podemos crer no subjetivo religioso, sem averiguação, pela fé. Mas só podemos ter fé naquilo que é inspirado e infalível.

## CONCLUSÃO

A idéia de uma revelação falível da parte de Deus é teologicamente errada, pois ela implica em um retrocesso na maneira de Deus falar ao Seu povo. Como entender o fato de Deus ter falado ao Seu povo, no passado, de maneira inspirada e autoritativa, e agora, falar de forma não inspirada? Mudou Deus sua maneira de falar? Isto, certamente implicaria em uma involução no processo da comunicação de Deus com o homem. Não dizem os revelacionistas que Deus está fazendo hoje as mesmas coisas do passado? Por que então não reabrir o cânon e continuar escrevendo a Bíblia até a volta de Cristo? Exatamente porque a maneira revelacional de Deus falar já cessou na era apostólica. Hoje a igreja depende da iluminação das Sagradas Escrituras pelo Espírito de Deus.

### **O teste do profeta - Dt 18:20-22**

No Velho Testamento, o julgamento do profeta era entre o falso profeta e o profeta verdadeiro. Esse julgamento não consistia de julgamento de determinados conteúdos de certas profecias que porventura viessem a falhar, como é proposto hoje pelo profetismo moderno. Bastava uma profecia não se cumprir, e aquele era o falso profeta que deveria morrer. Isso significa que os profetas de Deus nunca disseram uma palavra profética errada, caso contrário, morreriam. Nunca podemos imaginar Isaías, Jeremias e Daniel, ora falando coisas inspiradas e ora falando coisas de suas próprias idéias para o povo. Essa era a única e verdadeira credencial do verdadeiro profeta de Deus: ele nunca errava porque Deus nunca erra.

Mudou Deus Seu critério de avaliação do verdadeiro profeta no Novo Testamento e hoje? É evidente que não! Primeiramente, se este fosse o caso, Deus estaria mudando Sua maneira de lidar com o pecado. No Velho Testamento o profeta não era credenciado pela quantidade de verdade ou falsidade que viesse a profetizar, e sim por uma única e simples palavra que não fosse verdadeira. Falsa profecia é pecado. Deus já tratou desse tipo de pecado em sua lei moral, (Dt 18:20-22), e não podemos crer que Ele mudou Sua lei moral no Novo Testamento. Em segundo lugar, a avaliação do profeta sempre foi entre o falso e o verdadeiro profeta, e não entre uma palavra falsa e outra verdadeira de um mesmo profeta. Esta última avaliação é o que tem sido usado muito hoje em dia nas igrejas carismáticas, e é a proposta de muitos eruditos modernos sobre as revelações e profecias do nosso tempo<sup>7</sup>. Esse tipo de avaliação tem feito com que muitos “profetas” permaneçam ainda com credibilidade nos meios eclesiais, mesmo depois de cometer os mais absurdos erros proféticos do nosso tempo. Enquanto o profeta em Israel deveria morrer por causa do erro profético, nos nossos dias eles são até idolatrados, mesmo depois de terem errado até sobre a pretensa data do fim do mundo.

Enquanto os profetas do Velho Testamento deveriam morrer pela falsidade que levantaram dizendo que “Deus disse”, quando na verdade Ele não disse, hoje os falsos profetas estão nas igrejas imunes a qualquer repreensão por suas loucuras revelacionais. Acaso Deus mudou o tratamento para com aqueles que afirmam que Deus falou, quando Ele não falou?

No passado, sempre que Deus falava com um profeta, ele tinha impressão que ia morrer. A experiência era tão contrastante entre um Deus santissimo e um homem pecador que o profeta pensava que era chegado o seu fim. Na presença de Deus os homens devem “ir ao chão”. Mas hoje as coisas estão tão diferentes que as pessoas

<sup>7</sup> Esta é a tese de Wayne Grudem, em seu livro THE GIFT OF PROPHECY IN THE NEW TESTAMENT AND TODAY, que tenta validar o movimento profético moderno como o mesmo do Novo Testamento.

conversam com Deus, vêem a Cristo e ouvem Sua voz como se estivessem conversando com outro pecador. Muitas pessoas contam suas conversas com Deus com o maior orgulho de terem conversado com Deus.

### **O critério para avaliar e julgar qualquer experiência**

E II Pedro 1:16-21, o apóstolo nos ensina como devemos avaliar alguma experiência que, porventura, alguém tente nos fazer crer.

Nos versos 16-18, o apóstolo nos diz que o seu conhecimento de Cristo não foi uma fábula engenhosamente inventada. Ele mesmo teve uma experiência do Cristo vivo no Monte da Transfiguração. Pedro, de fato, ouviu a voz de Deus quando estava com Jesus, (v.18). Mas ele nos diz que somente o fato dele contar sua experiência não é suficiente para validá-la como uma verdade firme, para isso é necessário que haja um teor profético inspirado, (vv.19-21). O que Pedro está dizendo afinal? Ele quer dizer que nós nunca devemos dar ouvidos a alguma experiência de revelação, a menos que seja de caráter profético inspirado. Além disso, ele afirma que a palavra profética das Escrituras é mais segura do que a mera experiência contada por alguém.

Se Pedro estava comparando sua experiência com as Escrituras, e afirmando um grau de credibilidade maior para as Escrituras, por que hoje teríamos que dar mais ouvido às experiências do que às Escrituras? É exatamente isso que os movimentos revelacionistas fazem: eles acabam dando mais crédito às experiências do que às Escrituras. Se fosse o contrário, não haveria tanta ênfase na busca de revelações por parte dos crentes carismáticos. A verdade é que a experiência da revelação moderna nada vale para nós se não tiver um caráter inspirado, o que é impossível hoje.

Parece-me que o Deus que Se revela hoje não é mais aquele que revelou-se a Moisés e aos profetas da antigüidade.

O Deus de hoje não mais revela coisas tão grandes como no passado. Além disso, não fala mais a toda igreja como um organismo, nem fala mais inspirado, nem autoritativamente. Seus profetas de hoje, mesmo mentirosos, ainda são considerados profetas verdadeiros, e continuam no meio do povo dizendo “assim diz o Senhor”, quando o Senhor nada lhes falou.

Se este é o Deus que Se revela na revelação moderna, é preferível ficar o Deus da velha revelação: A ESCRITURA.